

“A verdade vos libertará”: a desinformação e a pós-verdade no Governo Bolsonaro no combate à Covid-19

Diogo Baptista Pereira

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

pereira.diogo@outlook.com

Angelica Alves da Cunha Marques

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil

angelicacunha@unb.br

DOI:<https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.45676>

Recebido/Recibido/Received: 2022-10-28

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2022-11-20

ARTIGOS

Resumo:

Versículos bíblicos são muito utilizados por atores do Governo Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil desde 2019. Porém, a prática não tem sido a mesma que a teoria, uma vez que, nos seus discursos oficiais e extraoficiais, são veiculadas *fake news* que promovem a desinformação. Este trabalho objetiva apresentar evidências de que o Governo contribuiu com a desinformação no combate à COVID-19 no país. A pesquisa quali-quantitativa, exploratória e descritiva desenvolveu-se mediante a coleta das publicações do Presidente da República do Brasil no Twitter. Contabilizou-se as vezes que ele mencionou, nas postagens em sua conta no Twitter, o uso de remédios e substâncias sem eficácia comprovada no combate à pandemia do novo coronavírus. O seu discurso foi analisado a partir das noções de “informação” de autores fundamentais da Ciência da Informação e de verdade e “pós-verdade”, com o propósito de explicar as razões pelas quais a desinformação encontra ecos nos seguidores do referido presidente, levando-se em conta o contexto de suas falas e comportamentos em outros veículos de comunicação. Os resultados demonstram como a desinformação, mesmo em uma conta privada disfarçada de pública/oficial, em uma mídia social, tem grandes repercussões na falta de medidas e tratamento adequado e, por consequência, nas mortes ocasionadas pelo Covid-19 no país. Conclui-se que algumas de suas postagens e atitudes culminaram em discursos de ódio e ataques de seus seguidores aos opositores do Governo, colocando a sociedade em um limbo de desinformação, perdida quanto à qual recomendação sanitária seguir e em quem acreditar. Afinal, a palavra da autoridade que deveria libertar (da pandemia) não se alinhou às pesquisas científicas e às recomendações da Organização Mundial de Saúde, ressoando contradições, inverdades e desinformação.

Palavras-chave: Desinformação. Pós-verdade. Covid-19. Twitter. Governo Bolsonaro.

“La verdad os hará libres”: desinformación y posverdad en el Gobierno de Bolsonaro en la lucha contra el Covid-19

Resumen

Los versículos bíblicos son muy utilizados por los actores del Gobierno de Jair Messias Bolsonaro, presidente de Brasil desde 2019. Sin embargo, la práctica no ha sido igual a la teoría, ya que en sus

discursos oficiales y extraoficiales aparecen fake news que promueven la desinformación. Este trabajo tiene como objetivo presentar evidencias de que el Gobierno contribuyó a la desinformación en la lucha contra el Covid-19 en el Brasil. La investigación cualitativa-cuantitativa, exploratoria y descriptiva se desarrolló a partir de la recopilación de las publicaciones del Presidente de la República de Brasil en Twitter. Se contaron las veces que mencionó, en las publicaciones de su cuenta de Twitter, el uso de medicamentos y sustancias sin eficacia comprobada para combatir la pandemia del nuevo coronavirus. Su discurso fue analizado desde las nociones de "información" de autores fundamentales de las Ciencias de la Información y de verdad y "posverdad", con el propósito de explicar las razones por las cuales la desinformación encuentra ecos en los seguidores de ese presidente, llevándolos al contexto de se tienen en cuenta sus discursos y comportamientos en otros vehículos de comunicación. Los resultados demuestran cómo la desinformación, incluso en una cuenta privada disfrazada de pública/oficial, en las redes sociales, tiene importantes repercusiones en la falta de medidas y tratamientos adecuados y, consecuentemente, en las muertes provocadas por la Covid-19 en el país. Se concluye que algunas de sus publicaciones y actitudes culminaron en discursos de odio y ataques de sus seguidores a opositores al Gobierno, poniendo a la sociedad en un limbo de desinformación, sin saber qué recomendación sanitaria seguir y a quién creer. Después de todo, la palabra de la autoridad que debería liberar (de la pandemia) no se alineó con la investigación científica y las recomendaciones de la Organización Mundial de la Salud, haciéndose eco de contradicciones, falsedades y desinformación.

Palabras clave: Desinformación. Post-verdad. Covid-19. Twitter. Gobierno de Bolsonaro.

“The truth will set you free”: disinformation and post-truth in the Bolsonaro Administration in the fight against Covid-19

Abstract

Biblical verses are widely used by government officers in Jair Messias Bolsonaro Administration, president of Brazil since 2019. However, the practice has not been the same as the theory, since, in their official and unofficial speeches, fake news that promote misinformation. This paper aims to present evidence that the Government contributed to disinformation in the fight against Covid-19 in Brazil. The qualitative-quantitative, exploratory and descriptive research was developed by collecting the publications of the President of the Republic of Brazil on Twitter. It was counted the times that he mentioned, in the posts on his Twitter account, the use of medicines and substances with no proven effectiveness in combating the pandemic of the new coronavirus. His speech was analyzed from the notions of "information" of fundamental authors of Information Science and of truth and "post-truth", with the purpose of explaining the reasons why disinformation finds echoes in the followers of that president, leading to the context of their speeches and behaviors in other communication vehicles is taken into account. The results demonstrate how disinformation, even in a private account disguised as public/official, on social media, has major repercussions in the lack of adequate measures and treatment and, consequently, in the deaths caused by Covid-19 in the country. It is concluded that some of their posts and attitudes culminated in hate speeches and attacks by their followers on opponents of the Government, putting society in a limbo of misinformation, lost as to which health recommendation to follow and who to believe. After all, the word of the authority that should release (from the pandemic) did not align with scientific research and the recommendations of the World Health Organization, echoing contradictions, untruths and misinformation.

Keywords: Misinformation. Post-truth. Covid-19. Twitter. Bolsonaro Administration.

1 Introdução

O uso de dispositivo tecnológico infocomunicacional foi utilizada na campanha eleitoral da candidatura de Barack Obama, em 2008, à Presidência dos Estados Unidos da América, país onde estão as sedes das principais empresas de computação e de mídias sociais. O partido democrata aproveitou as mídias digitais para propagar as ideias do candidato e criou laços de interação com seu eleitorado no MySpace, Facebook, YouTube e Twitter. Dessa maneira, construiu-se uma visão (mesmo que no subconsciente) de um candidato mais acessível,

moderno, arrojado e próximo do povo, em decorrência das interfaces que essas plataformas tendem a apresentar como possibilidades de comunicação mediada pelo computador. (OLIVEIRA, 2011)

No Brasil, nas campanhas eleitorais de 2018, frases feitas¹ foram utilizadas como forma de fugir e evitar debates sobre assuntos contundentes. A minirreforma eleitoral, decorrente da Lei n. 13.165, de 2015 (BRASIL, 2015), reduziu o tempo de propaganda eleitoral de 90 para 45 dias, diminuiu o horário na televisão e no rádio de 45 para 35 dias, em dois blocos de apenas 10 minutos. Ou seja, de dois blocos de 30 minutos passou-se para apenas dois de 10 minutos, com uma perda de aproximadamente 33 horas e 20 minutos de propaganda no horário nobre (de maior audiência). Perdeu-se 20 minutos diretos no horário eleitoral gratuito para inserções curtas e espaçadas ao longo da programação, sem muito tempo para expor propostas. Isso sem citar os 45 dias a menos em que poderiam ocorrer debates entre os candidatos na televisão, no rádio e na internet. Comprometeu-se, assim, a discussão de ideias e propostas, favorecendo a influência das mídias sociais digitais na corrida eleitoral, que, conforme fatos que ocorreram anteriormente no Brasil e no mundo, teriam grandes repercussões nas disputas político-partidárias.

Quando Jair Messias Bolsonaro assumiu a Presidência da República do Brasil, uma de suas primeiras atitudes foi demitir pessoas com cargos comissionados que tinham se manifestado nas mídias sociais com frases de “Fora Temer²”, “Marielle³ vive”, “foi golpe⁴” e/ou “ele não⁵”. Seleme (2019)descreve a situação como uma caça às bruxas e uma forma de calar quem trabalha no Planalto e possa ter alguma identificação com a esquerda.

Visto diversos os usos por políticos – para fazer campanha, manipular informações, perseguir usuários etc. –, é inegável a importância das mídias digitais na influência e manipulação de interesses e ideias.

Partindo do pressuposto que democracia é uma forma de governo em que o povo exerce sua soberania por meio da eleição de representantes eleitos (de tempos em tempos) pelos cidadãos

¹ Referimo-mos às frases que apareciam na campanha eleitoral do candidato Jair Bolsonaro: “para, tá feio”; “o choro é livre”; “acabar com o comunismo”; “nossa bandeira jamais será vermelha”; “o nosso partido é o Brasil”; “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”.

² Michel Temer foi Presidente da República do Brasil entre 2016 e 2018, após o impedimento da Presidenta Dilma Rousseff.

³ Marielle Franco foi uma vereadora eleita pelo Partido Socialismo com Liberdade (PSOL), na cidade do Rio de Janeiro, covardemente assassinada. Até hoje não se descobriu quem mandou matá-la e o porquê.

⁴ O processo de impedimento da Presidente Dilma Rousseff é considerado um golpe por uma parcela da sociedade, principalmente aos setores mais simpáticos à esquerda política.

⁵ Ocorreram protestos contra a candidatura de Jair Bolsonaro e a frase “Ele não” foi símbolo dessa campanha. Uma manifestação liderada por mulheres contra um candidato com falas misóginas e machistas(ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018)

para representá-los (OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY, 2020), este artigo objetiva apresentar evidências de que o Governo Bolsonaro contribuiu com a desinformação no combate à Covid-19 no Brasil. Para tanto, apresenta discursos políticos do supracitado presidente, durante a pandemia, nas mídias sociais (em especial o Twitter), para manipular e distorcer a realidade, a partir de fatos documentados pela imprensa, aqui analisados em torno das noções de informação, *fake news*, verdade e pós-verdade e de discussões como estas podem ser utilizadas como instrumento político-ideológico para atingir um determinado objetivo. Nessa perspectiva, foi realizada uma breve revisão de literatura acerca das temáticas para elucidar e subsidiar o entendimento do mecanismo de fabricação e a fala presidencial durante a pandemia da Covid-19 no Brasil.

2 INFORMAÇÃO

Não há um consenso sobre o termo “informação”. Ele pode ser polissêmico dependendo da área e do contexto em que está inserido. Segundo Rafael Capurro (2012) o que é informação tem a ver com a ontologia da palavra, com a tradição metafísica, com forma, Eidos, ideia. A pergunta “o que é informação?” tem a ver com a pergunta “O que é ideia?”, “o que é forma?”, o que é in-formar?” (CAPURRO, 2012). O conceito de informação “está intimamente ligado, na História da Filosofia, na História do Pensamento, sobretudo, na tradição latina: *informatio*; dar forma a algo”. (CAPURRO, 2012, p. não paginado). O computador dá forma aos códigos binários por meio de softwares programados. Para o autor, o nascimento dos meios de comunicação de massa (como a televisão e depois a rede, internet) e sua globalização, no século XX, produziram uma explosão da ontologia digital, que evidentemente, se fez ontologia social. (CAPURRO, 2012).

Para Michael Buckland (1991), o conceito do termo informação está “em formação” e apresenta três de seus usos. A informação-como-conhecimento é intangível; não há forma no sentido material, mas apenas no abstrato. A forma se dá na mente do sujeito em contato com a informação, uma vez que o cognitivo de quem está em contato com a informação é que transforma algo em conhecimento, de acordo com suas vivências e possíveis interpretações. Nesse momento, a informação está como processo. Quando o indivíduo decidir reproduzir a informação que tomou enquanto processo e que a transformou em conhecimento para um objeto físico, terá a informação-como-coisa. Diferente dos dois anteriores, a informação- como-coisa é tangível, tocável (um documento, um vídeo, um disco de vinil, uma escultura etc.). E por ser tangível, é também uma evidência, comprovação de um ato, de uma ação, de uma intencionalidade.

“[...] o termo ‘evidência’ implica passividade. A evidência, assim como a informação-como-coisa, não *faz* nada ativamente. Os seres humanos fazem coisas *com* ela ou *para* ela. Eles examinam, descrevem e categorizam a informação. Eles entendem, entendem mal, interpretam, resumem ou refutam. Eles podem até tentar fingir, alterar, esconda-o ou o destrua. A essência da evidência é precisamente que a sua percepção apresentar evidências de que o Governo contribuiu com a desinformação no combate à COVID-19 nópode levar a mudanças no que as pessoas acreditam que sabem.” (BUCKLAND, 1991, p. não paginado, tradução nossa).

A informação, presente na mente – imaterial no sentido tátil e comunicativo – se encontra em um nível abstrato e particular, “implica a limitação dos estudos dos efeitos dos regimes de informação a investigações de mudanças na consciência individual” (FROHMANN, 2006, p. 21).

Para Almeida Júnior (2009) quem determina a informação é o usuário/indivíduo, a partir do momento em que este tem o contato com o documento, ao poder modificar o significado, transformá-lo, tornando-se coautor da informação, porque ele pode ressignificá-la, interferir nela por meio de seu cognitivo, o que vai ao encontro da noção de pós-verdade, que abordaremos adiante. Para o autor, o documento é uma quase-informação, pois seria a informação em seu estado latente, em potencial. O contexto histórico-social e seu espaço-tempo condicionam a compreensão que determinado sujeito fará da informação-como-coisa.

3 Fake news, verdade e pós-verdade

As *fake news* não são novidade e foram utilizadas em outras eleições. O que nos chama a atenção é como elas se fazem recorrentemente presentes atualmente, usadas estrategicamente com o propósito de atingir com mentiras. Afinal, quem as inventa sabe que o faz com o intuito de desinformar e, propositalmente, de faltar com a verdade. Schneider (2019, p. 100) lembra que a noção de verdade não pode ser reduzida a ideologias e regimes. As chamadas *fakes news* se disfarçam de jornalismo: os articuladores utilizam-se de práticas da escrita jornalística para propagar informações inverídicas; o texto se assemelha ao de um jornal em sua construção e aparência; em alguns canais no YouTube, chegam a imitar programas de telejornal para dar notícias favoráveis ao governo e defendê-lo a todo custo, desde o âncora, à vinheta de abertura, à música etc. Há, também, os influenciadores que se utilizam da “liberdade de expressão” e de “opinião” para veicular inverdades como se fossem comentaristas políticos. Alguns são até jornalistas profissionais que, com medo da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *fake news*, chegaram a apagar conteúdos em seus respectivos canais.

“A atual disseminação de notícias falsas (*fake news*) no ambiente online, em grande parte levada a cabo por robôs digitais (*bots*) em um volume incomensurável de desinformação, tornou-se um grande problema para as principais plataformas da internet usadas para a divulgação de notícias, que têm investido em mecanismos

para detectar e bloquear a visualização de páginas e perfis (de mídias sociais como Twitter e Facebook) dedicados à viralização de tais notícias.” (BEZERRA; CAPURRO; SCHNEIDER, 2017).

A pós-verdade, eleita a palavra do ano de 2016 pelo Dicionário Oxford, já existia, mas o seu uso durante o BrExit e a eleição estadunidense fez com que fosse mais utilizada, tendo maior repercussão.

“O conceito de *pós-verdade* já existe na última década, mas o Oxford Dictionaries viu um aumento na frequência este ano no contexto do referendo da UE no Reino Unido e da eleição presidencial nos Estados Unidos. Também se tornou associado a um substantivo particular, na frase *política pós-verdade*. A *pós-verdade* deixou de ser um termo periférico para se tornar um pilar em comentários políticos, agora sendo frequentemente usado por publicações importantes sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes.”(OXFORD LANGUAGES, 2016, tradução nossa).

Para se ter uma ideia, das 10 palavras finalistas, quatro envolvem política e computação: *Alt-right*, *Brexit*⁶, *Chatbot*⁷ e *Post-truth*. Segundo o dicionário Oxford de Língua Inglesa, *Alt-right* é “[...] um grupo ideológico associado a pontos de vista extremamente conservadores ou reacionários, caracterizado por uma rejeição da política dominante e pelo uso da mídia on-line para disseminar conteúdo deliberadamente controverso” (OXFORD ADVANCED LEARNER’S DICTIONARY, 2020, tradução nossa). A palavra é um trocadilho de *All right* (tudo bem, tudo certo), designando, em uma tradução livre, direita alternativa. Uma direita (estadunidense) mais à direita, mais conservadora.

A noção de verdade é relacionada à de *fake news* por Schneider, na perspectiva da noção de pós-verdade:

“Fake News são informações mentirosas. Mentira é o oposto da verdade. Mas como se pode denunciar a mentira se abandonarmos a noção de verdade? Pós-verdade é algum conjunto de crenças compartilhadas pela opinião pública (em grande medida alimentadas por fake news, informações mentirosas que circulam em redes digitais), refratárias ou indiferentes a evidências factuais ou argumentativas que as contrariem.”(SCHNEIDER, 2019, p. 96)

Então, o que seria verdade além de ser o oposto de mentira? Durante muitos séculos, a Igreja Católica foi a detentora do conhecimento e do que era tido por verdade. Uma das formas de a instituição controlar o pensamento de uma época era por meio dos Tribunais de Inquisição, onde eram julgados atos considerados hereges e desviantes dos costumes da Igreja, entre os séculos XII e XIX. Nicolau Copérnico (1473-1543), polonês que, no século XVI, desenvolveu a teoria de que a Terra gira em torno do sol (heliocentrismo) e não o inverso – que era até então

⁶ Palavra designada aos apoiadores do BrExit, saída do Reino Unido do bloco da União Europeia.

⁷ Programa de computador utilizado para simular uma conversação humana com outra pessoa.

tida como a única verdade aceita pela Igreja –, guardou seus estudos até sua morte, com medo de ser perseguido. Galileu Galilei (1564-1642) a aperfeiçoou e, para evitar um destino trágico, negou a tese do heliocentrismo. Giordano Bruno (1548-1600) não teve a mesma sorte e foi queimado (PINTO, 2008). A verdade é algo em disputa. Livros, em diversas épocas da História, foram censurados, como o índice dos livros proibidos pela Igreja Católica e os livros queimados durante o regime nazista.

Para Foucault (2014), o saber é associado ao poder dentro de um contexto histórico-social. A verdade é produzida no âmbito das relações de poder. Esta não se dá apenas por meio da violência física, como pela ameaça das armas; ocorre, também, pelos efeitos da palavra, pelas diferenças econômicas, por mecanismos de controle, pelos sistemas de vigilância etc.

Em outras palavras, a comunicação de um governante tem um caráter oficioso. É a palavra, escrita ou falada, do representante maior do poder executivo. Seu pronunciamento atinge a sociedade e tem repercussões na economia e na política, podendo, inclusive afetar relações diplomáticas com outros países, em estados democráticos de direito e em regimes autoritários.

Em um Estado disciplinar (ou não) a verdade está atrelada ao poder, ao comandar as instituições oficiais que guardam documentos que podem ser utilizados como prova. Delmas (2010) explica que o arquivo serve para lembrar (utilidade de gestão), compreender (utilidade científica de conhecimento), identificar (transmissão da memória, utilidade social) e provar (utilidade jurídica). Se for um arquivo de um Estado disciplinar, este apenas estaria reproduzindo um discurso oficial do mesmo, ou seja, uma “verdade” fabricada. Se for reconstruir a “verdade” a partir dos documentos do Estado, teremos apenas esta versão. Nessa perspectiva, Foucault (2005) lembra que o regime nazista foi o Estado mais disciplinar que já existiu.

Em tempos de pós-verdade e *fake news*, o nazismo foi atrelado a um movimento de esquerda, principalmente durante o período eleitoral de 2018 no Brasil, em razão da associação do Partido Nacional Socialista ao “socialismo”. Sem o menor interesse em contextualizar o período e o porquê da associação do “socialismo” ao nome do partido, o então candidato à Presidência da República do Brasil, Jair Bolsonaro, disse que o nazismo era “de esquerda”. A embaixada alemã chegou a publicar um vídeo explicativo dizendo que o nazismo sempre foi um movimento da extrema-direita. Eleitores brasileiros do candidato Bolsonaro contestaram a informação do vídeo (DEUTSCHE WELLE, 2018; EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL, 2018).

A pós-verdade tem a ver com crenças e preconceitos. Para MCintyre (2018) cinco fatores conduzem à ela: negativismo científico, relativização da verdade promovida pelo pós-modernismo, viés cognitivo do ser humano, queda de importância dos meios de comunicação tradicionais e o auge mídias sociais.

Embora, no senso comum, a pós-verdade e as *fake News* apareçam como sinônimos, elas não o são. A primeira pode carregar consigo sentimentos de ódio, preconceito, raiva, medo, teorias conspiratórias no cognitivo de quem compartilha e acredita realmente no que está compartilhando. Há, assim, uma carga emocional. As segundas, por sua vez, são conduzidas por mentiras, com o propósito de enganar, ludibriar a verdade com o propósito de atingir um objetivo nem sempre muito claro para todos.

Nossa sociedade é recorrentemente afetada pelas repercussões da pós-verdade e das *fake news*, no cenário da vigilância atrelada ao campo político, como a defesa do terraplanismo, dos movimentos anti-vacinas, do racismo e preconceito contra membros da comunidade LGBTQIAP+, por muitas pessoas. As teorias de conspiração ganharam força para buscar justificar coisas que as pessoas não conseguem compreender por razões diversas, como por preguiça de pesquisar, por questões emocionais, crenças, má-fé, ao ignorar pesquisas científicas.

Teorias acientíficas, negacionismo e notícias falsas postadas propositadamente – em razão de crenças, ideologias, preconceitos e sem nenhuma comprovação científica dos fatos – têm levado a uma derrocada e ao enfraquecimento da democracia ao redor do mundo, promovendo a ascensão de políticos populistas e de extrema-direita ao poder.

No final de setembro de 2020, foi divulgado o resultado de um estudo realizado pelo centro de pesquisa estadunidense Pew Research Center, feito com 32 mil pessoas e que envolvia ao todo 20 países, sobre a confiança da população na ciência. Os resultados apontaram para uma média global de 36% das pessoas que acreditam muito nos cientistas; 40%, às vezes; 17%, pouco ou quase nada. No Brasil, esse número é mais baixo: 23% confiam muito e 36%, às vezes. É o país em que a população menos confia nos dados e pesquisas dos cientistas (PALHARES, 2020). Não por acaso, movimentos anti-vacinas vêm ganhando força, a ponto de o Sarampo, uma doença considerada erradicada, ter tido um surto na cidade de São Paulo em 2020, muito em razão da falta de confiança na ciência gerada por *fake news* e por pós-verdade com ampla divulgação nas mídias de comunicação digitais.

Segundo os resultados dessa pesquisa, 62% dos entrevistados estadunidenses acreditam muito na ciência, enquanto apenas 20% dos que se autodeclararam ser de direita acreditam muito no trabalho desempenhado pelos cientistas. A ideologia e o tempo de escolaridade têm forte influência na confiança das pessoas na ciência: quem se identificou como sendo de esquerda e quem tem maior tempo de estudo expressaram maior confiança (PALHARES, 2020). Nos Estados Unidos, os eleitores de Donald Trump tendem a confiar menos nos dados científicos e mais em teorias da conspiração, ou seja, algo sem provas, muito mais ligado ao emocional e cognitivo das pessoas.

Segundo os dados do relatório sobre a percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil, elaborado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGET), a imagem do cientista tem sofrido uma mudança drástica dentro de quase uma década.

Tabela 1: Comparativo da imagem dos cientistas perante a opinião pública – 2010 e 2019

Opinião pública sobre a imagem dos cientistas	2010	2019
Pessoas comuns com treinamento especial	8%	23%
Pessoas que servem a interesses econômicos e produzem conhecimento em áreas nem sempre desejáveis	5%	11%
Pessoas excêntricas de fala complicada	9%	5%
Pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade	55,5%	41%
Pessoas que trabalham muito sem querer ficar ricas	15%	4%
Pessoas que formam discípulos na sua atividade de pesquisa	2%	3%
Pessoas que se interessam por temas distantes das realidades das pessoas	3,5%	8%
Não souberem/ Não responderam	2%	5%

Fonte: (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2019, p.2)

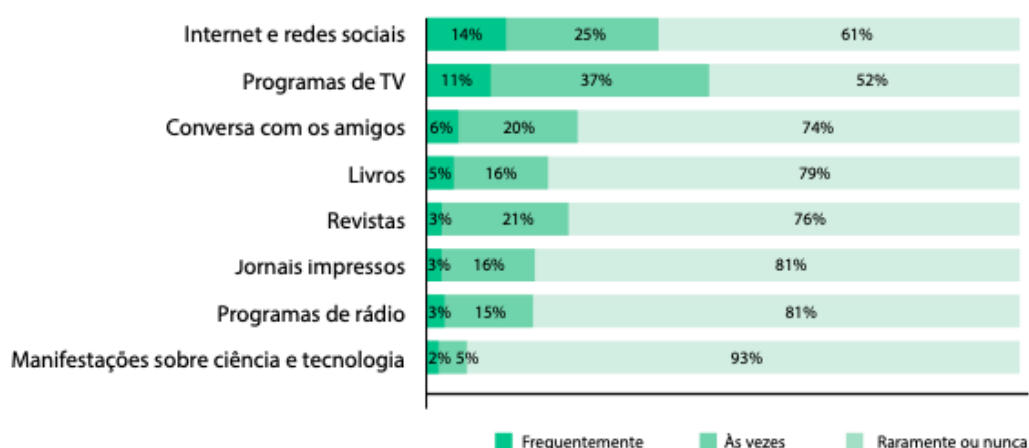
Por pessoas comuns, podemos entender como gente sem a chancela de um diploma em determinada área, mais ligada ao conhecimento popular e a crenças, sem uma metodologia científica com hipóteses, metodologia observação, experimentos e resultados. Outro dado que despertou a atenção foi a queda de 14,5% das pessoas que consideram os cientistas como “pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade”, indo de encontro às ponderações de Meadows e Lemos.

“Acreditam [os cientistas] que a obtenção de informações confiáveis sobre o mundo implica um método racional, quantitativo, que acumule dados por meio de observações e experiências, interpretando-os com uma estrutura teórica apropriada. O progresso das pesquisas científicas depende da aplicação de uma

mescla de trabalho prático e teórico, em que cada componente confere e ajuda o outro.”(MEADOWS; LEMOS, 1999, p. 54)

O relatório do CGET também indicou em quais canais e veículos a população entrevistada busca o acesso à informação sobre Ciência e tecnologia. Os motivos do resultado podem ir desde a falta de interesse em visitar fisicamente espaços como museus e planetários, passando pela alegação da falta de tempo, desconhecimento de localização geográfica onde se encontram esses espaços de divulgação científica, até dificuldade de acesso em áreas rurais. A condição financeira e educacional é outro fator a ser observado (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2019). Na imagem 1, é perceptível a influência das mídias sociais como consumo de informação sobre C&T, enquanto o de livros e revistas está abaixo até de uma conversa com amigos.

Imagem 1- Tabela com percentual de dados de onde se consome a informação de C&T pela população brasileira



Fonte: (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2019, p. 16)

Como parte das *fake news*, montagens são feitas, imagens são manipuladas, frases são retiradas de contexto e inseridas em outros. É a desinformação fingindo ser jornalismo de qualidade.

Circulou, no início da pandemia, um vídeo – no WhatsApp, YouTube e Facebook – com um suposto médico italiano condenando a vacina contra a Covid-19. No vídeo, a pessoa, que veste um jaleco branco, camisa social e gravata (para dar a ideia de credibilidade em quem fala) e se identifica como Roberto Petrella, diz que a vacina que está sendo produzida é um plano internacional para matar 80% da população mundial. Além disso, desencoraja as pessoas a

fazerem o exame da covid-19, pois não teriam resultados confiáveis, dando positivo em 90% dos casos. O conteúdo foi compartilhado em algumas páginas bolsonaristas⁸ no Facebook. O vídeo com idioma em italiano circulou com legendas em inglês, português, espanhol, árabe, holandês e sérvio (SUBASIC, 2020). Esse é apenas um dos milhares de conteúdos que circularam contra a vacinação, suscitando medos nas pessoas e as desestimulando a se vacinarem. Informações falsas, tomadas como verdade e que se espalham, podem trazer repercussões graves na sociedade.

O uso de *bots* (robôs) ajudam na disseminação e chama a atenção levando os temas, determinados assuntos para os *Trend Topics* do Twitter. Esses robôs são contas falsas, perfis de pessoas que sequer existem e geralmente são criados em outros países para o disparo de mensagens em massa com o objetivo de comprometer a imagem alguém ou ludibriar sobre algum fato ou ocorrido.

4 Bolsonaro no Twitter

Entre abril e outubro de 2021, foi instaurada, no Senado Federal, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para averiguar possíveis irregularidades e omissões do Governo Federal no combate à pandemia do Covid-19, no Brasil. A CPI, apelidada de CPI da Covid, investigou também o incentivo, por parte do Governo Federal, do uso de substâncias sem qualquer comprovação científica como remédio útil no tratamento da Covid-19. Considerou o possível atraso proposital na compra de vacinas; a falta de logística e oxigênio nos respiradores dos hospitais de campanha em Manaus; a adulteração de informações em prontuários de pacientes internados na PreventSenior (sendo estes também vítimas de experimentos de substâncias sem eficácia comprovada); a corrupção na compra da vacina Covaxin; e a propagação de *fake news* no Twitter, sobre o tratamento durante a pandemia (SENADO FEDERAL, 2021).

O relatório final da CPI apontou para a existência de um grupo que disparava mensagens falsas, com o propósito de enganar e ganhar dinheiro. Esse grupo funcionaria com influenciadores digitais expondo suas opiniões, veículos de mídia organizados (funcionando semelhantemente aos telejornais na forma de divulgar informações) e perfis (anônimos) nas mídias digitais, promovendo um maior engajamento de notícias falsas.

“Insta ressaltar que, assim como o próprio Presidente da República, os pronunciamentos desses parlamentares não se limitam à expressão de suas opiniões pessoais. Sendo pessoas públicas, suas falas exercem enorme influência sobre a população brasileira. Em função do cargo que ocupam, suas falas se revestem da presunção de autoridade. Além disso, por serem da base de apoio político da atual

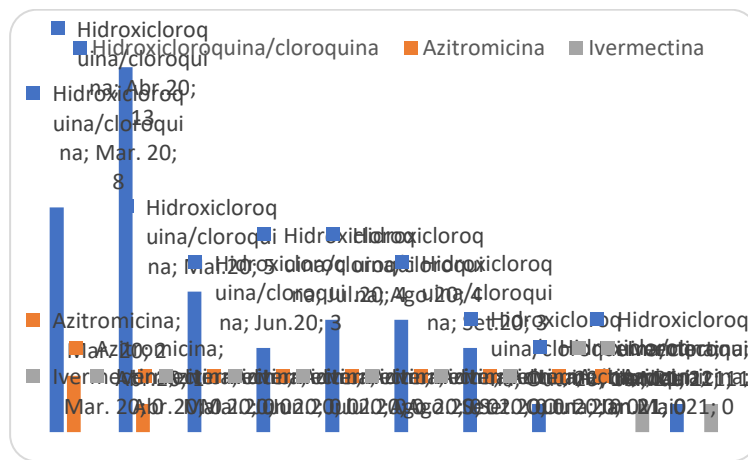
⁸ Termo utilizado para identificar eleitores e apoiadores de Jair Bolsonaro.

administração, suas falas reproduzem e reforçam a orientação programática estabelecida pelo próprio Presidente da República em seu governo.”(SENADO FEDERAL, 2021, p. 670).

Realizamos uma análise da conta @jairbolsonaro (perfil pessoal do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro), no *Twitter*, entre 26 de fevereiro de 2020 – mês do primeiro caso confirmado do novo coronavírus no Brasil – e 15 de agosto de 2022, data-limite para a confirmação e inscrição de candidaturas ao cargo de Presidente da República do Brasil nas eleições de 2022. Investigamos quantas vezes os termos do chamado “kit-covid” (a mistura parcial ou total da Hidroxicloroquina, Azitromicina e Ivermectina) apareceram na conta do Presidente no *Twitter*, a fim de constatar se ele incentivou a população brasileira usar essas substâncias no referido contexto.

Utilizamos a fórmula “(ivermectina OR kit-covid OR hidroxicloroquina OR cloroquina OR azitromicina) (from:jairbolsonaro)” na busca avançada da plataforma do *Twitter*, na conta pessoal @jairbolsonaro. Os resultados dessa pesquisa são sintetizados na imagem 2.

Imagem 2: Quantidade de vezes que o “kit-covid” foi citado na conta @jairbolsonaro no *Twitter* – fevereiro de 2020 a agosto de 2022



Fonte: elaboração própria, com base nas postagens da conta @jairbolsonaro.

Os termos “hidroxicloroquina” e “cloroquina” foram juntados por se tratar da mesma substância química. Entre os meses de março e junho de 2020, os termos “Hidroxicloroquina/cloroquina” e “Azitromicina” apareceram 29 vezes, quase um mês de postagem se fossem contabilizadas ininterruptamente. Já o termo “kit-covid” não foi encontrado na conta pessoal do Presidente, embora seja de fácil recuperação em outras contas dentro da plataforma do *Twitter*. No geral, as publicações incentivavam o uso dessas substâncias, como

por exemplo, a redução da taxa de importação da cloroquina e da azitromicina a zero, para sua utilização em pacientes em estado crítico nos hospitais.

O Presidente Bolsonaro postou em sua página do Twitter, no dia 26 de março de 2020, dizendo que o G-20⁹ estava animado com os resultados positivos dos medicamentos Reuquinol e Hidroxicloroquina e que este último tivera sua licença autorizada para uso no Hospital Albert Einstein (São Paulo) (@JAIRBOLSONARO, 2020). No dia seguinte, ele publicou que tinha “informações precisas que a Cloroquina tem sido usada pelo Brasil com uma grande taxa de sucesso” e que “o remédio existe, apenas se aguardam as formalidades para o seu uso legal” (@JAIRBOLSONARO, 2020), fato que não ocorreu passados quase três anos do primeiro caso de contaminação no mundo.

Em março de 2020, primeiro mês com maiores notícias da pandemia no Brasil, o Presidente Bolsonaro postou um vídeo da rede Record de televisão – emissora simpatizante de seu governo –, em que um médico afirmava que a combinação de Azitromicina e Cloroquina teria gerado bons resultados como meio de tratamento. Também publicou que as Forças Armadas ampliaram a produção de cloroquina e que havia solicitado, ao primeiro-ministro da Índia, mais insumos para a produção da substância (@JAIRBOLSONARO, 2020).

⁹ Criado em 1999, o G20 é um grupo formado pelas 19 maiores economias do mundo e a União Europeia, para debater a economia mundial.

Imagem 3: Postagem de @jairbolsonaro no *Twitter* em discordância com uma emissora de TV e o uso da cloroquina



Fonte: (@JAIRBOLSONARO, 2020)

Não há dúvidas, levando em conta o contexto de produção das postagens, de que o Presidente Bolsonaro incentivou o uso das substâncias supramencionadas, mesmo estando ciente de que não havia aprovação de sua eficácia, criticando, inclusive, uma emissora de televisão por se posicionar favoravelmente com a comunidade científica e reiterar que o uso da cloroquina não tinha validação científica.

Em setembro de 2020, o Presidente Bolsonaro postou um vídeo de um diretor do Hospital do Amor de Barretos, em que este inicia a gravação dizendo não ser médico, mas filho de um. O diretor diz, na filmagem, que quem tomou a cloroquina teria se sentido melhor 24 horas após ter ingerido a substância, segundo teriam apontado os resultados clínicos. Assim, este recomendava seu uso do primeiro ao quarto dia da doença (@JAIRBOLSONARO, 2020). O vídeo acabou por ter seu *link* removido da plataforma do YouTube por violar as diretrizes de conduta.

Em janeiro de 2021, quando o número de óbitos voltara a crescer no país, o Presidente afirmou que a Ivermectina, remédio para o combate de piolhos, sarnas etc., seria o responsável pela baixa mortalidade em países do continente africano integrantes da Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta, por sua vez, atribuiu os resultados a experiências anteriores de epidemias locais, somadas ao distanciamento físico e social (ESTADO DE MINAS, 2021)

Ações, atitudes, falas relatam como a doença foi subestimada no Brasil. A não utilização da máscara pelo Presidente, a sua presença em eventos com aglomeração, a não adoção e a crítica ao distanciamento social, o deboche nas declarações quando interpelado por jornalistas,

o descrédito à eficácia da vacina (QUEIROZ, 2022), entre outros, evidenciam estratégias de desinformação. Mesmo que muitas dessas falas não tenham ocorrido no Twitter, foi nele que chegaram aos *Tren Ding Topics*¹⁰(TWITTER, 2022), chamando a atenção para o assunto.

O Twitter, recentemente, banuiu a conta oficial de Donald Trump até o ano de 2023, em razão de notícias inverídicas e de propagação do ódio. O presidente do Brasil já teve postagens apagadas e com alerta de que as informações veiculadas poderiam ser falsas. Após isso, o atual presidente tentou preparar um decreto para limitar a exclusão de publicações nas mídias sociais, esta só seria permitida por decisão judicial (VARGAS, 2021)

A falta de regulamentação desses meios de comunicação digitais, que não são abertos em seus códigos, pode ameaçar a democracia, em um cenário em que não há clareza sobre a construção e o uso dos algoritmos. Atualmente, algumas mídias sociais entraram em acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF) para ajudar a conter a desinformação, pois 2022 é ano de disputa eleitoral no país (KNOTH, 2022).

5. Considerações finais

A disputa forjada de narrativas é uma das formas de manipulação e de busca de poder. No caso analisado, das postagens do Presidente Bolsonaro no Twitter, observamos a fabricação de um discurso para desacreditar quem poderia apresentar informações sobre o COVID-19 com maior lucidez e credibilidade (cientistas, historiadores, jornalistas, sociólogos, filósofos etc.). Com esses grupos desacreditados e com a população acrítica e apática,, é mais fácil manipular informações, confundindo a sociedade entre as fronteiras da verdade e da pós-verdade, muitas vezes via *fake news* espalhadas por robôs.

O algoritmo não entende de noções, mas de reações. Se uma publicação alcançou um grande público, é provável que aparecerá para outros também, levando em conta o engajamento adquirido nas reações, os compartilhamentos e a programação feita para ter esse comportamento. Dessa maneira, muitas informações falsas podem ganhar o crédito de verdade e assim serem repassadas e influenciarem parte do pensamento da sociedade.

A partir de uma pesquisa documental, particularmente de postagens na mídia, apresentamos evidências de que o referido governo contribuiu com a desinformação no combate à COVID-19 no Brasil, distorcendo informações importantes a respeito. Nessa perspectiva, a desinformação ganha forma de verdade, camuflando a pós-verdade pelo negacionismo científico e privando o usuário (indivíduo/cidadão) de transformar o significado da informação de forma consciente, responsável e crítica. A construção do saber é perpassada

¹⁰ Espécie de ranking dos assuntos mais comentados por meio de uma indexação com uma *hashtag*.

por relações de poder, que incluem direitos, obrigações, deveres de acessar e promover o acesso a informações e documentos de forma transparente.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT-UFRJ e à Capes.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 89–103, 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170/170> Acesso em: 13 nov. 2021.

BEZERRA, A. C.; CAPURRO, R.; SCHNEIDER, M. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital | Regimes of truth and power: from modern times to the digital age. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 2, 1 dez. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4073> Acesso em: 14 out. 2020.

BRASIL. **Lei Nº 13.165, de 29 de setembro de 2015**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13165.htm Acesso em: 12 jun. 2021.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Relatório final da CPI da Pandemia**. Relatório da CPI da Pandemia. Brasília: Senado Federal, 2021.

BUCKLAND, M. Information as a thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, June 1991. Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf> Acesso em: 20 abr. 2021.

CAPURRO, R. O Pensamento Vivo da Informação - Rafael Capurro - Parte 1 - YouTube. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DIH3wegjMBU> Acesso em: 23 abr. 2021.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **Percepção pública da C&T no Brasil**. Brasília: CGEE, 2019. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica_CT.pdf.

DELMAS, B. **Arquivos para quê?: textos escolhidos**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

DEUTSCHE WELLE. Discussão sobre 'nazismo de esquerda' não tem base honesta, diz embaixador alemão. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/discuss%C3%A3o-sobre-nazismo-de-esquerda-n%C3%A3o-tem-base-honesta-diz-embaixador-alem%C3%A3o/a-45567045> Acesso em: 11 jun. 2021.

EMBAIXADA DA ALEMANHA NO BRASIL. Os alemães não escondem o seu passado. 2018. **Twitter**. Disponível em: https://twitter.com/Alemanha_BR/status/1037303279724781568?s=20 Acesso em: 11 jun. 2021.

ESTADO DE MINAS. Checamos: Ivermectina não está ligada aos números da COVID-19 na África. **Estado de Minas**, 15 jan. 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/01/15/interna_nacional,1229520/cheamos-ivermectina-nao-esta-ligada-aos-numeros-da-covid-19-na-africa.shtml Acesso em: 8 set. 2021.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285–315.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: FOUCAULT, M. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Coleção Ditos e Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. v. IX, p. 118–140

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de (org.). **A dimensão epistemológica da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 19–34.

@JAIRBOLSONARO. Twitter. 2020. Disponível em: https://twitter.com/jairbolsonaro?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor Acesso em: 8 set. 2021.

KNOTH, P. WhatsApp, Instagram e TSE fecham acordo contra fake news; Telegram fica de fora – Tecnoblog. 2022. **Tecnoblog**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2022/02/15/whatsapp-instagram-e-tse-fecham-acordo-contra-fake-news-telegram-fica-de-fora/> Acesso em: 15 ago. 2022.

MCINTYRE, L. **Posverdad**. Madrid: Cátedra, 2018. 192 p.

MEADOWS, A. J.; LEMOS, A. A. B. de L. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/livros, 1999.

OLIVEIRA, C. A Internet nas campanhas políticas eleitorais - O caso de Barack Obama nas presidenciais de 2008. **Comunicação pública**, [S. l.], n. Especial 01E, p. 103–136, 30 nov. 2011. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cp/251> Acesso em: 22 ago. 2022.

OXFORD Advanced Learner's Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 2020. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/alt-right?q=alt-right> Acesso em: 31 out. 2020.

OXFORD LANGUAGES. **Oxford Word of the Year 2016**. 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/> Acesso em: 31 out. 2020.

PALHARES, I. Brasileiros são os que menos confiam em cientistas, indica estudo de centro americano. 2020. **Folha de S. Paulo**, Caderno Ciência, 30 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2020/09/brasileiros-sao-os-que-menos-confiam-em-cientistas-indica-estudo-de-centro-americano.shtml> Acesso em: 2 nov. 2020.

PINTO, A. **A teoria dos indivisíveis: uma contribuição do padre Bonaventura Cavalieri**. 2008. 103 f. Programa de Pós-Graduação em História da Ciência- Pontifícia Universidade Católica-SP, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13396/1/Anibal%20Pinto.pdf> Acesso em: 27 jun.

2021.

QUEIROZ, V. 2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. 2022. **Poder 360**, Brasília, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/> Acesso em: 16 maio 2022.

ROSSI, A.; CARNEIRO, J. D.; GRAGNANI, J. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. 2018. **BBC News Brasil**, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> Acesso em: 15 ago. 2022.

SCHNEIDER, M. CCI/7: **Competência crítica em informação (em 7 níveis como dispositivo de combate à pós-verdade. iKritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 73–116.

SELEME, A. O pente-fino para identificar – e demitir – petistas na administração. **Politicando - O Globo**, Rio de Janeiro, 1 Jan. 2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/politicando/post/ascanio-seleme-o-pente-fino-para-identificar-e-demitir-petistas-na-administracao.html> Acesso em: 29 jun. 2021.

SUBASIC, K. As afirmações falsas do doutor Petrella em um vídeo sobre a covid-19. **AFP Checamos**, 9 set. 2020. Disponível em: <https://checamos.afp.com/afirmacoes-falsas-do-doutor-petrella-em-um-video-sobre-covid-19> Acesso em: 7 nov. 2020.

TWITTER. **twitter.com**. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 2 maio 2022.

VARGAS, M. **Bolsonaro prepara decreto, considerado ilegal, para limitar retirada de posts e perfis das redes sociais**. Folha de S. Paulo, São Paulo, Maio 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/governo-prepara-decreto-para-limitar-retirada-de-posts-e-perfis-das-redes-sociais.shtml> Acesso em: 11 jun. 2021.